

Para não limitar Portugal, e a Península Ibérica, só às raízes cristãs e ocidentais, um dos colaboradores, Antônio Borges Coelho, especialista nesse tema, sintetiza o Al-Gharb, em árabe *O Ocidente*, ou Gharb al-Andalus, Andaluzia Ocidental, cobrindo de Sevilha e Badajoz na Espanha atual ao também atual Portugal do Sul até Lisboa. O que hoje se denomina Algarve é sua última parte, reconquistada pelos cristãos em 1249 ao nascente reino lusitano, assim completando seu processo de unificação iniciado por Dom Afonso Henriques no século anterior. Gharb al-Andalus com suas contribuições também de filósofos islâmicos helenizantes à grande escola do maior de todos, Averróis, que tanto influenciou a Idade Média européia.

Enfim, a *História do Pensamento Filosófico Português*, em seus seguintes volumes anunciados, promete ser obra fundamental, que poderá marcar época. No que se refere ao Brasil já com um especialista também em Filosofia por autores brasileiros, Antônio Braz Teixeira, tão conhecedor que, hoje, o melhor indicado para escrever a própria História da Filosofia Jurídica luso-brasileira.

Vamireh Chacon
Universidade de Brasília

EUFRÁSIO, Mário A. *Estrutura Urbana e Ecologia Humana: a escola sociológica de Chicago (1915-1940)*. São Paulo: Editora 34, 1999. 303 p.

Se é difícil caracterizar a chamada Escola de Chicago de Sociologia, quer pela diversidade de interesses, quer pela multiplicidade de formulações teórico-metodológicas, não há, por outro lado, como negligenciar a centralidade dos problemas urbanos no legado dessa corrente. Assim, é com a Ecologia Humana, de acordo com a formulação de Robert E. Park, Ernest W. Burgess e Roderick McKenzie que, de modo predominante a Escola de Chicago de Sociologia é identificada, em que pese a inquestionável relevância do trabalho de William I. Thomas, notadamente o monumental *The Polish Peasant in Europe and America*, com a colaboração de Florian Znaniecki, primeira pesquisa empírica de grande porte na história da Sociologia, além das contribuições de George Herbert Mead, na área

de intersecção da Filosofia com a Psicologia Social, e, entre outros nomes, Ellsworth Faris.

Negligenciada durante cerca de quatro décadas, inclusive no ambiente acadêmico norte-americano, a Escola de Chicago – que no Brasil teve em Donald Pierson, ex-aluno de Park, seu grande difusor – tem despertado o interesse de uma nova geração de sociólogos na França e no Brasil, em que pese a persistência de traços do período em que, no nosso meio acadêmico sociólogo era sinônimo de adepto da doutrina marxista, curioso embora compreensível efeito *a la diable* do anticomunismo oficial dos governos militares. Evidência inequívoca do grande interesse pela Escola de Chicago de Sociologia nos círculos acadêmicos da França é a produção de Yves Grafmayer e Isaac Joseph (ver a obra organizada por esses autores *L'École de Chicago: naissance de l'Écologie Urbaine*. Paris: Aubier, 1984). E não apenas pela Escola de Chicago no que esta tem a ver predominantemente com os problemas das grandes metrópoles, mas, igualmente, pelos seus posteriores desdobramentos, como, por exemplo, a chamada Etnometodologia (ver COULON, Alain. *L'ethnométhodologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1987; e, do mesmo autor, *Ethnométhodologie et éducation*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993; do mesmo Coulon, ver, ainda, sobre a Escola de Chicago de modo geral, *L'École de Chicago*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992. Col. “Que sais-je?”, v. 2. 639).

Além do estudo do autor desta resenha em torno da contribuição de Donald Pierson ao desenvolvimento da Sociologia em bases rigorosamente empíricas no Brasil (*Donald Pierson e a Escola de Chicago na Sociologia brasileira: entre humanistas e messiânicos*. Lisboa: Vega, 1998), a literatura em língua portuguesa sobre o tema acaba de ganhar contribuição de significativa relevância com a publicação de *Estrutura Urbana e Ecologia Humana: a escola sociológica de Chicago (1915-1940)*, de Mário A. Eufrásio.

Resultante de tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo, Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, o trabalho de Eufrásio constitui

um estudo expositivo, analítico e interpretativo do aspecto mais central e característico da Escola de Chicago da Sociologia americana, representado por uma sociologia

urbana complexa e original – de fato, a primeira *escola* de sociologia urbana na história da disciplina – que se desenvolveu entre as duas guerras mundiais da primeira metade do século XX (p. 10).

Como explicita o autor:

O procedimento adotado ao longo do trabalho foi, fundamentalmente, o da técnica de análise conceitual, instrumento desenvolvido pela tradição analítica de metaciência(p. 10).

Estruturado em quatro partes – “O surgimento da sociologia americana e a formação da Escola de Chicago”, “A concepção ecológica da estrutura urbana”, “A concepção sócio-econômica da estrutura urbana” e “Tradições de pesquisa, teorias e explicações da estrutura urbana: uma análise metodológica” –, o trabalho de Eufrásio compreende não apenas a exposição minuciosa e clara dos critérios teórico-metodológicos da Ecologia Humana, através das contribuições de Park, Burgess e McKenzie, mas, igualmente, as principais críticas a essa corrente, como, notadamente, a de Milla Aïssa Alihan (*Social Ecology*. New York: Columbia University Press, 1938, p. 81-91), considerada por George A. Theodorson “uma crítica devastadora dos elementos teóricos básicos da ecologia humana clássica” (*Studies in Human Ecology*. Evanston: Row, Peterson & Co., 1961, apud Eufrásio, na obra aqui resenhada).

Como conclusão, embora reconheça que “é impossível exagerar a proporção do equívoco que chamamos de falácia ecológica teórica, que consiste na identificação da análise ecológica com o estudo da organização espacial das comunidades” e que “não é necessária a pressuposição da ecologia humana para a construção de teorias explicativas da estrutura urbana”, Eufrásio constata, no entanto, que “sob análise minuciosa, a teoria ecológica da estrutura urbana revelou-se muito mais rica, sugestiva e multiforme do que têm pretendido considerações ingênuas, mal-informadas e que a distorcem reiteradamente.” (p. 287)

Mais do que pura descrição, como já se pôde ver, do sistema teórico-metodológico, da Ecologia Humana, o trabalho de Eufrásio

representa avaliação crítica significativamente original, inclusive dos pressupostos epistemológicos dessa corrente, com base nos critérios da metateoria, constituindo já obra indispensável ao estudioso da matéria. Não creio exista mesmo na língua inglesa, assim como em francês, ou alemão, obra tão abrangente, clara e original como abordagem ao mesmo tempo descritiva e crítica sobre o tema. A lamentar, o que infelizmente constitui lacuna na grande maioria de obras científicas publicadas no Brasil, a ausência de índices onomásticos e analíticos de tanta utilidade em livros dessa categoria.

Sebastião Vila Nova
Fundação Joaquim Nabuco

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura – um conceito antropológico*. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. 116 p.

A consagração, no mundo anglo-americano, do significado do termo cultura como “um todo complexo que abarca conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e outras capacidades adquiridas pelo homem como integrante da sociedade”, na célebre formulação de Edward B. Tylor, em *Primitive Culture* (1871), diversa da acepção dominante no ambiente intelectual da França e da Alemanha, no qual, de acordo com a conceituação de Humboldt, o termo diz respeito ao estágio de desenvolvimento do saber científico e humanístico, assim como das artes e da moral “em que os homens souberam elevar-se acima das simples considerações de utilidade social, compreendendo o estudo desinteressado das ciências e das artes”, representou uma inquestionável revolução no estudo científico do comportamento humano. Foi em torno do conceito de cultura que, no mundo acadêmico anglo-americano, notadamente por conta da liderança de Franz Boas, a partir da Universidade de Columbia, durante mais de quatro décadas, desde a sua admissão naquela universidade em 1899, que não só a Antropologia, mas, igualmente, a Sociologia, desenvolveram-se como ciências do social.

É através da conceituação de cultura difundida no universo intelectual anglo-americano que a Antropologia desfere o golpe de misericórdia nos determinismos dominantes, até os fins do século XIX,